AMAZÔNIA DAS CRIANÇAS

ARAQUÉM ALCÂNTARA

TERRABRASIL



AMAZÔNIA DAS CRIANÇAS

Copyright © 2023 Araquém Alcântara / TerraBrasil Editora.
Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial sem prévia autorização.

CONCEPÇÃO Araquém Alcântara
EDIÇÃO Angelo Abu e Araquém Alcântara
TEXTO Morris Kachani
EDIÇÃO DE TEXTO Elaine Maritza e Décio Galina
FOTOGRAFIA Araquém Alcântara
ILUSTRAÇÕES E PROJETO GRÁFICO Angelo Abu
COORDENAÇÃO EDITORIAL E PRODUÇÃO GRÁFICA Heloisa Vasconcellos
EDITORAÇÃO Rubem Filho
PRODUÇÃO EXECUTIVA Luli Hunt
PRODUÇÃO LOCAL Rosa Arraes
PREPARAÇÃO E REVISÃO Vera Maselli
TRATAMENTO DE IMAGENS José Fujocka
ASSISTENTES DE FOTOGRAFIA Alan Oju e Rubens Matsushita
ASSISTÊNCIA JURÍDICA Denise Jardim e Gilberto Falcão
LOGÍSTICA Alex Almeida
IMPRESSÃO E ACABAMENTO Ipsis Gráfica e Editora

www. araquemalcantara.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kachani, Morris
Amazônia das crianças de Araquém Alcântara / Morris Kachani ; ilustração Angelo Abu ; fotografias Araquém Alcântara. -- São Paulo, SP : TerraBrasil Editora, 2023.

ISBN 978-65-88933-01-5

1. Amazônia - Aspectos sociais 2. Amazônia - Fotografias 3. Crianças indígenas - Brasil 4. Educação indígena I. Abu, Angelo. II. Alcântara, Araquém. III. Título.

23-151018 CDD-779.99811

Índices para catálogo sistemático:
1 . Amazônia : Fotografias 779.99811
Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

AMAZÔNIA DAS CRIANÇAS

ARAQUÉM ALCÂNTARA

FOTOGRAFIAS
ARAQUÉM ALCÂNTARA

TEXTO
MORRIS KACHANI

ILUSTRAÇÕES
ANGELO ABU

TERRABRASIL



O C6 Bank e a Mastercard estão felizes em apresentar a você este livro sobre as crianças da Amazônia.

Assim como você, esses outros pequenos também gostam de brincar perto da natureza, ouvir histórias e cantar.

Para que a floresta e as comunidades que nela vivem continuem existindo, todos precisam conhecer a Amazônia e saber o quanto ela é importante para o planeta. Por isso, queríamos que este livro chegasse às suas mãos.

Esperamos que as fotos e ilustrações levem você e também sua imaginação até o coração da floresta. E tomara que um dia você consiga conhecê-la bem de pertinho!

C6BANK

1. RAONI — Parque Indígena do Xingu, Mato Grosso
2. ARIWALU — Parque Indígena do Xingu, Mato Grosso
3. PEDRO — Periquitaquara, Pará
4. MARCOS — São Caetano de Odivelas, Pará
5. FRANCIELE — Reserva Extrativista Chico Mendes, Xapuri, Acre
6. KEICY — Oiapoque, Amapá
7. HOMERO — Afuá, Pará
8. ELIVALDO — Novo Airão, Amazonas
9. MARIA VITÓRIA — Abaetetuba, Pará
10. MAYKAWÁ — Altamira, Pará
11. RAYENE — Quilombo do Silêncio, Óbidos, Pará
12. ANA LUÍSA — Vigia, Pará
13. DAVI — Ajuruteua, Pará
14. RENATA — Terra Indígena Raposa Serra do Sol, Roraima
15. SAMUEL — Manaus, Amazonas



Eu sou Araquém.

Na língua indígena tupi meu nome quer dizer “passarinho”.

Acho que meus pais já sabiam que eu iria gostar de voar por aí e conhecer cada canto da natureza.

Sou fotógrafo e jornalista há mais de cinquenta anos, e minha alegria é andar por este país fotografando pessoas, paisagens e bichos.

Já fiz dezenas de livros, mas este é o primeiro dedicado às crianças.

Na companhia do jornalista Morris Kachani e munido de câmeras, gravadores e drones, viajei por mais de três meses pela Amazônia em busca de histórias.

Lá existem milhões de bichos, desde onças até pequenos insetos, árvores gigantes e rios que parecem um mar de água doce. É tanta água que até no céu correm rios.

Conheci diferentes formas de se viver a infância: crianças morando em casas, apartamentos, cabanas, taperas, palhoças, ocas e até em casas flutuantes.

A Amazônia é mágica! Todo mundo deveria conhecê-la um dia – tocar, sentir, nadar nos igarapés, abraçar uma árvore gigante, ouvir o canto do uirapuru, vestir a pele do Curupira...

Este livro é um convite pra você conhecer um pouco dos tesouros que se escondem na maior floresta tropical da Terra.

Araquém Alcântara

RAONI, 8 ANOS

O Homem de Ferro do Xingu

Parque Indígena do Xingu, Mato Grosso

Meu nome é Raoni. Mas é melhor me chamar de Homem de Ferro, que é meu super-herói favorito. Meu pai diz que Homem de Ferro não existe; que se eu quiser ser de ferro, tenho que estudar muito. Não deixo de estudar, mas que ele existe, existe. Pelo menos na minha imaginação.

Vivo no Parque Indígena do Xingu, na aldeia Kamayurá. Aqui não tenho quarto nem cama; minha casa é uma oca bem grande, feita com troncos e galhos de árvores e cobertura de palha.

Minhas irmãs, Mirela e Sayuri, me ensinaram a comer peixe com espinha. Aqui no Xingu, os irmãos mais velhos sempre cuidam dos mais novos e ensinam o que sabem.

Eu tenho que saber me cuidar e também cuidar dos outros. Meu pai, Acauã, é o cacique da aldeia. Ele faz arcos e flechas e ensina a gente como usar durante as caçadas e as pescarias. Eu ajudo, carregando as cestas e procurando os bichos na mata. As crianças não andam para muito longe sozinhas – podem se perder ou até virar bicho.

A vida começa bem cedo na aldeia, assim que o sol acorda. Nessa hora eu já pulo da rede e me mando pra fora da oca. Um assobio e Kaory já aparece. Ele é meu melhor amigo. Adoramos futebol e jogamos juntos superbem! O nosso time é o Barcelona Kamayurá – até fomos campeões do Alto Xingu.





Minha mãe fica brava quando chego na oca atrasado, com os olhos vermelhos de tanto brincar na areia, e sem tempo de comer o perereba, nosso mingau de mandioca, que ela deixa preparando na noite anterior pro café da manhã.

Na escola, falamos duas línguas: o Kamayurá e o português. Eu tenho dificuldade pra aprender o português, e meu pai vive me dando bronca. Ele me explica que é importante pra poder conversar sem medo com o homem branco.

Aprendemos também matemática, ciências, história Kamayurá, canto, artesanato com palha de buriti, e também como plantar batata, mandioca, banana, cana e abacaxi.

Uma das lições de casa de que mais gosto é quando a professora pede pra gravar conversas com os mais velhos. Meu pai me empresta o celular e eu até esqueço da vida ouvindo as histórias.

São muitas lendas. Tem a dos irmãos Sol e Lua, a invenção da arara, a lenda do cheiro do pequi e um montão de histórias de animais: o pica-pau que se casou com a filha, o pássaro que chama chuva, a cobra que cresceu na barriga da mulher, as onças que comiam gente nas aldeias, os peixes que moravam no tronco de pau, a canoa que virou bicho...





A lagoa Ipavu é a nossa lagoa sagrada, protegida pelos deuses. É lá que todo mundo toma banho.

Esse é um dos momentos de que mais gosto na vida, sabe? Olhar pro céu todo vermelho, com os peixes pulando aqui e ali. É bonito...

O lago não tem piranhas e tem poucos jacarés, o que é muito bom. Mas é preciso tomar cuidado com as arraias; elas têm um ferrão que faz doer o corpo inteiro. Tem gente que até desmaia com a ferroada.

A única coisa de que tenho medo é de sucuri. Mas é fácil saber por onde elas andam. Se aparecerem bolhas na água, é porque tem uma lá no fundo, respirando. Aí, com certeza, é melhor ficar longe.

Nem de onça eu tenho medo. Quanto mais de gente! No Kuarup do ano passado, lutei com um menino da aldeia Kalapalo e acabou não dando pra vencer. Mas neste ano... ele que se prepare para o retorno do Homem de Ferro!



ARIWALU, 11 ANOS

MACACA-ARANHA

Parque Indígena do Xingu, Mato Grosso



Meu nome é Ariwalu, mas pode me chamar de Lalita – é mais fácil. Nasci na aldeia Kamayurá. Aqui, todas as pessoas têm bichos de estimação: gatos, cachorros, periquitos e quatis. Na oca vizinha tem até uma gaivota com as asas cortadas.

Eu sempre quis ter um macaquinho. Meu tio Pery, que é caçador e adora brincar comigo, um dia saiu pra caçar um porco que estava comendo a mandioca da nossa plantação e voltou com a Cíntia!

Ele a encontrou sozinha, andando pela floresta. Talvez algum caçador tenha matado a mãe dela. Agora já faz três anos que ela está com a gente. Sei que ela nunca mais vai ver o mato, mas aqui ela tem muito carinho e um monte de árvores para brincar. Uma das coisas que ela mais gosta de fazer é pular e se jogar entre os galhos com os braços, as pernas e até o rabo, parecendo uma aranhona peluda gigante. Ela consegue se pendurar só pelo rabo. E ela deve pesar uns 10 quilos!

Na primeira semana, Cíntia não queria chegar perto de mim, mas aos poucos foi ficando mansinha. Hoje, até brinca comigo de boneca, acredita? De esconde-esconde ela também gosta. Na hora da minha lição de casa, ela senta ao meu lado e fica brincando sozinha com os tocos de madeira.

Uma coisa que eu gosto é de levar a Cíntia pra tomar banho na lagoa. Não tem uma amiga minha que não queira brincar com ela. Cíntia é muito ciumenta; se não participar da brincadeira, fica brava mesmo.

Minha macaquinha também é uma bagunceira! Brinca com nossos três gatos e com os cachorros, mesmo quando eles não querem.

Ela é como se fosse minha filha: eu cuido, dou de comer e brinco muito.

Cíntia adora banana, macaúba, sementes, folhas, insetos... já vi ela bebendo até refrigerante na lata, mas isso eu nunca deixo.

Ela dorme comigo na rede. A gente coloca uma fralda nela, pro xixi e pro cocô, e deitamos abraçadas. Ela é muito parecida com a gente, mas só tem quatro dedos.

Outro dia, o cacique da aldeia Kuikuru pediu a Cíntia pra ele. Eu disse pra minha mãe que se ela fosse embora eu ia parar de comer e ia ficar muito magra. E fiquei com vontade de dizer pro tal cacique "por que você não vai pro mato buscar a sua macaca?".

Minha vida sem a Cíntia seria muito triste.





PEDRO HENRIQUE,
12 ANOS

TERRA do AÇAÍ

Periquitaquara,
Pará

Se eu disser que o lugar onde eu moro é encantado, você vai acreditar?

Vivo em Periquitaquara. Taquara quer dizer "som" na língua dos indígenas que moravam aqui há muitos e muitos anos. E periquito você sabe o que significa.

Todo dia, às 5 da manhã e às 5 da tarde, lá pros lados do Furo do Maracujá, o céu fica tomado de verde... É uma barulheira só! Uma revoada gigante de periquitos, que cobre tudo.

Aqui tem árvores que andam, árvores que viram gente, e tantos pássaros, que tem noite que até a Matinta Pereira aparece pra agourar, com o canto sofrido dela. A velha bruxa que vira ave só para de gemer quando a gente oferece tabaco, café, cachaça ou peixe. Difícil é conseguir esquecer a feiúra daquele pio.







Periquitaquara é uma floresta de várzea rodeada de ilhas. Dependendo da época, a água do rio alaga a terra toda. Só dá pra ir pra escola de barco. Nem campinho de futebol pra brincar a gente tem, porque fica tudo debaixo d'água.

Os açaizeiros é que agradecem. Eles adoram o sol, mas também precisam de muita água. Sim, aqui, é a terra do açaí. É onde se toma o melhor açaí do mundo! Nada a ver com o açaí que as pessoas tomam no resto do Brasil. O nosso é fresquinho e colhido no quintal de casa, que tem várias palmeiras.

Colher o açaí é muito divertido. Quando a gente sobe pra buscar o cacho, a palmeira balança um pouquinho pra lá e pra cá, como se fosse um bambu.

Vestido com a peconha, que é um laço de corda pra apoiar os pés no tronco, e com um facão amarrado no calção, subo uns 30 metros! Mais ou menos a altura de uma roda gigante.

Escalar o açaizeiro é uma aventura muito legal. É preciso ter força, um pouco de coragem e habilidade nos pés, pra abraçar bem a árvore e balançar junto.

Eu sempre quis subir, mas só agora que o meu pai deixou. Ele me ensinou a não subir nos troncos velhos porque podem estar podres, a mirar sempre em um bom cacho pra ir certeiro e, principalmente, a olhar bem o pé da árvore antes de subir, pra ver se não tem cobra. Aqui dá muita jararaca, surucucu, coral... mas é só a gente não bulir com elas que elas não fazem nada com a gente.

Não é só colhendo açaí que eu me divirto. Adoro correr com as minhas irmãs pro rio que passa em frente de casa, pra gangorrar no surperbalanço que amarramos nos galhos. A gente balança bem alto e cai direto no rio. Água é tudo neste calorão! A gente nem tem chuveiro de água quente; porque não precisa mesmo.

Sabe um sonho que eu tenho? Quero muito trabalhar com teatro e com dança. E já estou treinando. Outro dia fizemos um filme para postar na internet e eu fiz o papel da Matinta Pereira. O pessoal riu muito quando eu imitei o grito da bruxa. Acho que eu dou pra coisa.



MARCOS GUSTAVO,
9 ANOS

VACA VELHA

São Caetano de Odivelas,
Pará



Sou o Marcos e nasci no litoral do Pará, numa cidade chamada São Caetano de Odivelas.

Uma das coisas que mais gosto de fazer aqui é entrar no mangue pra catar caranguejo. A gente se besunta bem de lama, que é pra proteger da mosquitada, e vai. Caminhamos por cima das raízes, tomando cuidado pra não escorregar. Depois montamos a armadilha com um pedaço de pau e um fio de náilon e ficamos esperando caranguejo sair da toca. O fio prende nas pernas dele e pronto: tá na mão! Tem gente que arranca logo as puãs, que é pra não correr risco de beliscão. Eu fico com pena e volto com eles inteirinhos mesmo, brigando dentro do balde.

Desde os três anos eu sonho ter um cabeçudo. Gostava tanto dos cabeçudos de Odivelas que andava com um cesto de supermercado em cima da cabeça. No meu aniversário de cinco anos, finalmente ganhei um cabeçudo de verdade, feito com talas de miriti e papel de saco de cimento colado com goma de tapioca. Fiquei impressionado! A cabeçona tinha o tamanho do meu corpo, toda pintada de Homem Aranha. Até hoje está guardada no canto da sala de casa como se fosse um troféu. Agora que cresci um pouco, tenho um cabeçudo novo, cor-de-rosa, com cabelo arrumadinho, barba e bigode.

Espero o ano inteiro pela hora de os fogos anunciarem o desfile da Vaca Velha. É o momento de vestir meu cabeçudo e sair pela rua com meus amigos, festejando.

A lenda da Vaca Velha é antiga. Dizem que era uma vaquinha preta velhinha mesmo e muito importante na fazenda onde vivia, nos campos encantados daqui. Era vigiada por vários vaqueiros. Um dia, ela sumiu, causando tristeza a todos.

Anos depois, um grupo de crianças disfarçadas de adultos decidiu que a Vaca Velha voltaria a existir de qualquer jeito. Elas se enfiaram mangue adentro por tanto tempo, que quando voltaram com a vaquinha viva em seu barco Odivelas já tinha virado uma cidade.

Desde então, todo mês de junho, e agora também no Carnaval, sai o cortejo da Vaca Velha. Às vezes, ela é mansa, dá até pra fazer carinho. Outras vezes, ela fica bem brava e dá pinote pra todo lado – até cresce de tamanho! Tudo depende da música que a banda toca. Pode ser marchinha, frevo e até roque.



Os vaqueiros ficam tentando laçar a vaca, mas não é fácil.

No dia da festa, a vaquinha vai passeando pelas ruas, passando de casa em casa, batendo nas portas. E a gente vai atrás. A regra é dançar sem parar. Sou capaz de trançar as pernas e me mexer como um parafuso.

Tem também a briga dos cabeçudos. É uma grande bateção de cabeça!

É tudo de brincadeira, mas não é nada fácil. A gente não enxerga direito, porque só tem um buraquinho pra encaixar os olhos, e faz um calorão danado dentro daquela cabeça! Mas não me importo. Já nasci cabeçudo.

Alguns amigos preferem sair de pierrô. São uns palhaços narigudos. E tem também os buchudos, que se fantasiam de fantasma e de espantalho pra assustar, mas nunca conseguem.

A festa é mesmo muito divertida.

De repente, a vaca some de vista e só vai aparecer de novo no ano seguinte.

Então, o jeito é voltar a catar caranguejo e esperar outro ano chegar.

FRANCIELE,
10 ANOS

O LEITE DA FLORESTA

Reserva Extrativista Chico Mendes,
Xapuri, Acre

Se tem uma coisa que me faz feliz é andar pela mata com meu pai.

A gente sai pra caçar, pra pescar, pra cortar seringa, pra plantar milho e macaxeira no roçado. Às vezes a gente passa o dia inteiro assim. A mata nos ensina muitas coisas.

Como meu pai sempre diz, precisamos prestar atenção o tempo todo. Da última vez que andamos pela mata, vimos uma pegada de onça. Mesmo com a chuva em cima, deu pra ver muito bem o carimbo de almofada das patas dela.

Pelo chão da floresta dá pra conhecer os caminhos de todos os bichos – queixada, porco-do-mato, anta... – e também as suas tocas. A da paca é pequenininha, mas a do tatu-canastra é enorme – cabe até uma pessoa.

Tem também as formigas. Às vezes passa um exército inteiro delas. Avançam pegando tudo que tem pela frente. A gente não pode parar no meio do caminho de jeito nenhum, senão elas começam a subir por nossas pernas e a mordida de algumas delas dói demais. A mordida da tucandeira dói o dia inteiro; fica inchada e até dá febre.

E tem ainda os micuins, piuns e carapanãs. É por causa desse tanto de insetos que a gente sempre vai de bota e calça comprida. Mas com os carapanãs ninguém pode: conseguem picar a gente mesmo por cima da roupa.

Medo mesmo eu só tenho de encontrar com o Mapinguari, um bicho gigante, peludo, com um olho na testa e a boca no umbigo. Ele anda pela mata gritando, quebrando galhos e derrubando árvores. Dizem que só foge quando vê um bicho-preguiça.

Minha amiga Ana diz que é só uma lenda. E me consola, dizendo que mesmo que exista, ele só ataca caçador malvado. Mas eu queria mesmo era ter um bicho-preguiça de estimação. Colocar ele pra fora da minha mochila nas costas e andar tranquila.

Em nossas andanças pela floresta eu aproveito muito pra brincar de me pendurar nos cipós, pular nas nascentes, me equilibrar nos troncos, que nem aquelas atletas de ginástica que a gente vê nas Olimpíadas.

Quando meus irmãos mais novos vão com a gente, aí é que a bagunça é geral!

Meu pai só fica bravo com brincadeira na hora em que vamos caçar. Aí tem que fazer silêncio, que é pra não espantar as caças. Ficamos de butuca, escutando só canto de cigarra e pio de coruja.

Outras vezes, entramos na mata para ir buscar o látex das seringueiras.

Meu pai me contou que a seringueira é a mãe do Acre. E o látex é o leite dela. Depois vira borracha, vira pneu, sola de tênis e um monte de outras coisas.

Além de caçador, pescador e cantor de uma banda de forró, meu pai é também seringueiro.

Pra cortar seringa precisa ter talento de artista. Tem que fazer vários cortezinhos em diagonal no tronco da árvore, que é pra poder sangrar certinho, sem que ela fique machucada.

Daí ela logo começa a pingar, como uma bica, sobre o segepê, que é o potinho amarrado na parte de baixo do corte. Em duas ou três horas, o segepê fica bem cheinho.

Meu pai diz que os seringueiros aprenderam essa técnica com os indígenas daqui, há muitos e muitos anos.

Todas as vezes que uso uma borracha pra apagar algum erro no meu caderno, eu fico pensando de onde ela pode ter vindo. Quem sabe não veio de uma seringueira cortada por mim?



KEICY GRAZIELE,
12 ANOS

UM RIO DE LÁGRIMAS

Oiapoque, Amapá

Meu nome é Keicy. Vivo no Oiapoque, a última cidade no Norte do Brasil.

Aqui é onde pessoas de muitos lugares diferentes se encontram. A gente escuta muitas línguas sendo faladas na rua: francês, espanhol, criolo, além das línguas maternas, Arawak e Karib.

A palavra Oiapoque, quer dizer "rio da cobra grande", e a origem do nome vem de uma história muito triste...

Há muitos anos, uma aldeia daqui sofria demais com muitas epidemias.

Tarumã era uma moça que tinha ficado viúva e estava grávida. Ela resolveu fugir das doenças e procurar um lugar melhor para criar seu curumim.

Pediu ao Deus Tupã para ser transformada numa cobra, pra andar tranquila pela floresta e achar o local ideal pra construir uma nova aldeia.

Sentindo pena da moça, Tupã realizou seu pedido.

E, assim, Tarumã encontrou um vale muito bonito, com água, frutas, animais, e terra boa pra plantar. Lá, deu à luz uma menina linda. Ficou tão feliz, que decidiu voltar pra contar as novidades a seus irmãos. Só que se esqueceu de pedir a Tupã que desfizesse o encantamento.



Os guerreiros ficaram assustados quando viram uma cobra gigante com uma criança agarrada no corpo e atacaram, achando que era bruxaria.

Tarumã não foi atingida, porque suas escamas eram muito grossas. Mas sua filhinha foi flechada e morreu. Ela chorou tanto que de seus olhos de serpente escorreu um rio imenso de lágrimas, o Oiapoque. Ela então mergulhou nele e fugiu pras profundezas, onde vive até hoje. Às vezes ela chora e alaga todas as ilhas que ficam próximas. E o rio que ela chorou passou a ser a fronteira final do Brasil – ou a inicial, dependendo de onde se vem e pra onde se vai.

Do outro lado da ponte está a Guiana Francesa, que pertence à França. De certa maneira, podemos dizer que fazemos fronteira com a França.

Nossa escola tem uma mistura muito legal de gente. Tem criança indígena, cubana, haitiana, venezuelana... e todo mundo se entende bem. Tem também crianças que passam fome em casa – para elas a única comida do dia é a merenda da escola. Pelo menos tem uma merenda deliciosa: risoto, vatapá, maniçoba, carne na chapa, tacacá, galinha caipira e até bolo de macaxeira.

Meu sonho é viajar com minhas amigas da escola até Macapá, que é a capital do meu estado, o Amapá. A gente quer muito jogar queimada no Zerão. É um campo de futebol com uma particularidade: a linha do Equador, aquela que separa o mundo em duas partes, passa bem no meio dele. Já temos até os nomes dos times. Vai ser o "Tudo em Cima", contra o "Para Baixo". E eu vou jogar no "Tudo em Cima", é claro!

Pra chegar em Macapá, como nosso professor contou, é uma viagem muito longa: um dia inteiro de estrada de terra, passando por muitos buracos, poças de lama e um monte de pontes de madeira.

Pena que o Oiapoque tem também um lado triste: em volta da cidade existe muito garimpo, que acaba com os rios e as nascentes, e destrói tudo o que existe em volta.

Aguardo ansiosa pelo dia em que Tarumã se canse de só chorar e passe a proteger todos os filhos daqui.



HOMERO,
8 ANOS

O DELTA

Afuá, Pará



Tive sorte de nascer aqui em Afuá. A cidade tem esse nome porque, muito tempo atrás, alguém viu um boto subir pra respirar e ele soltou seu esguicho, fazendo: "fuá, fuá, fuá".

Aqui é a foz do maior rio do mundo. É aqui que o rio Amazonas se encontra com o mar, fazendo aquela pororoca de águas, aquele agito de ondas.

O rio Amazonas é tão largo que, de algumas partes dele, nem conseguimos avistar a outra margem. E ele é tão longo de cabo a rabo que chega a ser mais comprido que a distância do Brasil pra Portugal!

Dizem que aqui é a cidade mais bonita deste mundo. Não sei se é por causa das casinhas coloridas grudadas, ou se é por causa das árvores de jambo, que deixam tudo como um tapete cor-de-rosa.



E tem também o rio. Quando fica cheio, ele passa por baixo das nossas casas. É por isso que elas têm pernas magras e altas. Quando a água fica assim, dona de tudo, parece até que a casa está flutuando.

Uma vez por ano, acontece a maré grande, na época da lançante. Fica tudo alagado e nem aula a gente tem. É uma festa! Dura uns três dias e todo mundo vai pra rua se divertir, tomar banho e chutar água.

Nesses dias, temos que suspender todas as coisas dentro da casa, que é pra não deixar nada molhar: brinquedos, roupa e, às vezes, até a geladeira!

Em Afuá não tem trânsito nem poluição. Barulho, só do motor dos barcos e das caixas de som espalhadas, tocando tecnobrega. Os carros e as motos são proibidos; fazemos tudo de bicicleta. A gente, aqui, já nasce pedalando. Todo mundo já caiu da bicicleta pelo menos uma vez. O problema é o susto do primeiro tombo.

Vou sempre de bicicleta pra escola. E também pra papelaria da minha avó, onde fico enquanto minha mãe dá aulas de inglês. Adoro ficar montando quebra-cabeças no chão da papelaria. No momento estou no meio de um do Pinóquio, de 80 peças.





Gosto de pedalar pro outro lado da ilha pra empinar pipa junto com minha turma, no final da tarde, quando fica mais fresco. Não é por nada, não, mas minha pipa é a mais maluca de todas: rodopia adoidada e costuma pousar como uma raia.

Eu também acho muito legal conversar com meu avô, ouvir suas histórias e aprender coisas malucas. Ele já me ensinou até como colocar um ovo inteiro dentro de uma garrafa sem deixar quebrar! Ele sempre me fala pra eu correr atrás dos meus sonhos. E eu tenho vários, mas o maior deles é ser cientista e rodar o mundo. Quero chegar até o Japão. Já comecei a estudar bastante pra isso. E olha que o Japão é longe... daqui até lá deve dar uns dois rios Amazonas e meio! Mas tenho certeza de que um dia chego lá.



ELIVALDO,
11 ANOS

SKATISTA DE CANOA

Novo Airão, Amazonas

Minha canoa é o meu skate. Também é chamada "casquinho", porque foi feita com um pedacinho de tronco, pra uma pessoa só.

Ando com ela pra lá e pra cá, e sou capaz de me equilibrar e fazer as manobras mais radicais. Nada me derruba. Fico na proa, em pé, e até de cabeça pra baixo, sem nunca cair.

Com meu casquinho vou desviando das árvores do igarapé "Vai quem quer" até chegar no rio Negro e navegar como um navio.

Todo dia faço a mesma coisa: remo, remo, remo bem cedinho, por uma meia hora, até chegar à escola, na comunidade Renascer.

Uma das primeiras coisas que escuto quando saio de casa são os gritos dos bugios pulando nas árvores. Eles fazem a maior algazarra! E também tem o canto alegre da passarinhada que adora o sol.

No caminho, sem sair do casquinho, consigo catar até goiaba pra complementar a tapioca com ovo e mugunzá que minha mãe sempre faz, quando acordo.

Às vezes, pelo caminho, começo a escutar um barulho estranho com borbulhas na água. Aí já sei que é só esperar, que vai vir esguicho.

São os botos cor-de-rosa. Sempre aparecem três, que imagino que sejam irmãos. Dei a eles os nomes de Huguinho, Zezinho e Luisinho. Eles sempre me acompanham, apostando corrida, brincando na minha dianteira.

Já aconteceu também de ver o borbulhar e nenhum deles aparecer. Fico pensando se não é coisa da Yara, um tipo de sereia daqui, que se alimenta de gente. Meu pai já me alertou que, se ela aparecer, é melhor virar a cara e tapar os ouvidos, que é pra não acabar indo parar no bucho dela, no fundo do rio.





Um dia minha avó passou mal. Ela tem problema de pressão, e quase desmaiou. Não tinha ninguém em casa; todo mundo pescando. Eu não sabia o que fazer. Acabei pegando nossa rabeta, que é um barco com um motor bem barulhento, pra enfrentar o grande rio e levar minha avó pro hospital de Novo Airão.

Meu coração ficou disparado. Pra complicar, tive que enfrentar um banzeiro daqueles: ondas que subiam e desciam, a água puxando e fazendo o barco balançar. Parecia tempestade.

A viagem foi longa, mas acertei o caminho direitinho. Até hoje minha avó diz que foi o meu conhecimento do rio que salvou sua vida.

MARIA VITÓRIA, 10 ANOS

VITÓRIA-RÉGIA

Abaetetuba, Pará



Moro em uma das 72 ilhas que fazem parte de Abaetetuba, que é conhecida como a capital mundial dos brinquedos feitos de uma palmeira chamada miriti.

Passo os dias vendo meus tios fazendo esses brinquedos, e ajudo pintando, depois que estão prontos.

O mais difícil de pintar é a onça. Logo ela! Acho que Deus foi muito criativo. Sempre me pergunto se ele pintou primeiro as pintinhas pretas ou se foi a parte dourada.

Meu nome é Maria Vitória. Lá na escola, muita gente me chama de Vitória-Régia, por causa de uma lenda daqui.

Dizem que há muito tempo uma índia se afogou tentando beijar o reflexo da lua no rio. Ela então pensou que seria levada pro céu pra virar estrela, mas a deusa Jaci decidiu transformá-la na estrela das águas. E assim foi. Virou uma linda planta aquática de flor perfumada, que só abre à noite e que, ao nascer do sol, fica cor-de-rosa.



Gosto de pensar que sou uma estrela.

Aqui em casa, ninguém me chama de Vitória. Pro meu avô, eu era a Pereminha. Vovô era tão brincalhão, que os passarinhos costumavam brincar na cabeça dele, logo de manhã, quando ele dava banana pra eles. Ele era como um pai pra mim. Cuidou de mim desde pequenininha. Não deixava faltar nada. Era ele que comprava a roupa, o material escolar, comprou até uma boneca da Lady Bug!

Mas o presente de que mais gosto é a canoa do meu tamanho que ele mandou fazer, com o casco pintado de roxo e as laterais da minha cor preferida: rosa. E mandou também pintar meu apelido nela: Pereminha.



Ele me ensinou que não era pra ir pro outro lado do rio com ela, porque é muito longe. Então eu fico deste lado, brincando com os tralhotos. Eles têm quatro olhos e são bem engraçados. Apesar de a canoa ser míni, eu consigo me aprumar direitinho nela, dobrando as pernas sem que ela balance. Um dia a mamãe tentou subir comigo e a canoa virou. Foi a maior confusão.

Agora estou muito triste, porque nunca mais vou ouvir meu avô me chamando de Pereminha. Ele se foi há duas semanas, bem na véspera do meu aniversário de 10 anos. Virou estrela no céu – ou, quem sabe, uma estrela das águas?





MAYKAWÁ, 9 ANOS

A ORIGEM DE TUDO

Altamira, Pará



No início dos tempos, com um longo sopro, Deus Senã'ã criou a Volta Grande do Xingu, um dos lugares com mais plantas e bichos diferentes. Lá vivem muitas araras, com sua combinação incrível de cores, e um rio imenso.

Deus Senã'ã também criou o nosso povo pra viver na Volta Grande: os Yudjá, ou Juruna na língua dos brancos.

Somos o povo do rio; usamos canoas no lugar dos pés.

Por muitas gerações vivemos felizes e em paz com a natureza. Ninguém se preocupava com comida. Tinha peixe pra pescar à vontade: pacu, tucunaré, matrinchã, curimatã e piranha. E coco e castanha de montão.

Meu nome é Maykawá Juruna. Tenho 9 anos. Nasci na aldeia Mira-tu, na terra Paquiçamba.

Quando eu tinha apenas um ano, o mundo se acabou. De repente, o rio encolheu. Sobrou mais pedra do que água. As árvores ficaram tristes; algumas começaram a morrer. Os peixes e os outros bichos ficaram fracos e doentes.



Tudo isso aconteceu por causa de uma usina que construíram por aqui. Pra funcionar, ela precisa de muita água do rio, que era a nossa fonte de vida.

Com o rio mais seco, ficou difícil de navegar. E já não se come tanto peixe: ninguém sabe se a água está contaminada.

É o pessoal da usina que resolve o tanto de água que fica presa e o pouco que fica no rio.

Minha mãe vive preocupada, porque uma vez o pessoal da usina abriu as comportas sem avisar e veio um monte de água de uma vez. Quase acabamos todos no fundo do rio.

Todos os dias, antes de dormir, torço para que Senã'ã, com outro sopro mágico, faça a Volta Grande do Xingu renascer...





RAYENE, 8 ANOS

A PRINCESA DO MARAMBIRÉ

Quilombo do Silêncio, Óbidos, Pará

Aqui é a comunidade do Silêncio, que de silêncio não tem nada. A gente é do barulho, isso sim!

Quando digo "a gente", quero dizer eu e minha turma: Valeria, Ana e Cleicimar, que chamamos de Querida.

Tem também as minhas três porquinhas de estimação: Fofushca, Mimosa e Cinderela, a Cindi, que é a maior e a mais divertida. É só pegar um cipó que ela vem correndo atrás da gente!

Gostamos de jogar vôlei e adoramos jogar bole-bole. Só que em vez de pedrinhas, jogamos com sementes de mucajá.

Se tem uma árvore esquisita por aqui é o pé de guaraná. Bebendo o refrigerante ninguém imagina que a árvore dá frutos daquele jeito, parecendo olhos encarando a gente. Tem uma lenda antiga que diz que os frutos são assim porque há muito tempo morreu um menino picado de cobra no meio da floresta e a mãe dele, inconformada, resolveu plantar um de seus olhos para que ele nunca mais deixasse de enxergar o mundo.





Nós também adoramos dançar. Tem a dancinha da mão do TikTok, a quadrilha de festa junina, e também o marambiré, que chegou aqui com os nossos parentes da África e é uma homenagem ao ex-escravo que se tornou o São Benedito.

Os principais personagens da festa do marambiré são o Rei e a Rainha de Congo. Todo mundo dança e canta ouvindo violino, viola, pandeiro e bumbo. A festa termina quando todos vão para a beira do rio, sobem em um barco e navegam pelos mesmos caminhos por onde os antigos fugiam da escravidão.

No ano passado, no Dia da Consciência Negra, teve um concurso de *miss* na escola. Uma menina falou que iria vestida de Beyoncé. Eu queria muito participar, mas de um jeito diferente.

Um dia, a minha avó, que eu também chamo de mãe, me perguntou por que eu estava triste. Quando contei que era porque não aparecia nenhuma ideia sobre o concurso, ela fez um milagre: me enrolou em um pano de seda, que logo se transformou em um lindo vestido, ajeitou meu cabelo com um laço colorido e me cobriu com os brincos e o colar que foram da minha bisavó.

Ela disse: "Você vai ser a princesa do congado do marambiré".

Amei a ideia de ser a filha da rainha do congado!



Mas tinha outro desafio: as regras do concurso eram muito difíceis. Além de saber desfilar, precisava demonstrar confiança, simpatia e beleza.

Perguntei pra minha avó: "Como é que faz isso?". Ela disse que era só ser eu mesma.

No final, desfilei de olhos fechados – quer dizer, nem consigo lembrar direito como desfilei, de tão nervosa que estava.

A melhor parte foi quando divulgaram o resultado no alto-falante da escola: "Rayene dos Santos". Minhas amigas vieram me abraçar na hora, dizendo: "Viva a Princesa do Marambiré!". Até minhas porquinhas fizeram festa.



ANA LUÍSA, 9 AÑOS

MILAGRE DE NAZARÉ

Vigia, Pará

Sou como um fruto que nasceu ainda verde, um tanto antes do esperado. Devia estar com pressa para conhecer a vida. Meus pulmões ainda não estavam tão prontos. Vim ao mundo por um fio.

Minha mãe até fez promessa: se eu ficasse boa, ela seguiria a procissão do Círio para o resto da vida. E assim foi: todo santo ano minha mãe acompanha o Círio de Nazaré. E eu adoro ir com ela.

Adoro aqueles guarda-chuvas coloridos cobrindo o céu, e as pessoas seguindo embaixo deles, cheias de fé.

Nossa Senhora de Nazaré era a protetora dos navegantes portugueses. Eles sempre navegavam levando uma imagem da Virgem. Dizem que uma dessas esculturas se perdeu e foi encontrada em um igarapé daqui por um tal de Plácido, que a levou pra casa. Só que, quando acordou, no dia seguinte, a santa não estava mais lá. Ele voltou para aquele igarapé e encontrou a santa lá de novo. Levou a escultura outra vez pra casa, mas ela sempre desaparecia e ele sempre a reencontrava naquele mesmo lugar.

Finalmente, Plácido se rendeu ao milagre e resolveu construir uma capela ali, naquele igarapé onde ela teimava em renascer. A notícia se espalhou e o lugar passou a ser um destino certo de romaria. Foi assim que começou o Círio, já pra mais de 300 anos.

Um mundo de gente vai até lá pra fazer pedidos, pra pagar promessa, ou só pra agradecer mesmo. Alguns seguem a romaria descalços. Outros carregam casinhas na cabeça ou cruzes no lombo. Vestem os filhos de anjo e se apertam muito para conseguirem um lugarzinho para segurar na longa corda que liga o povo com o Divino.

Já o meu lugar sagrado é o meu quintal. É o mesmo onde minha mãe brincou nos tempos de criança. Quando vou à cidade, não aguento um segundo. Quero logo voltar pra cá, pra cuidar das plantas. Tem cacau, açaí, café, araçá, pera, mamão, bacaba, andiroba, jambo, coco, abacate, pupunha, manga e limão – uma família imensa!

Gosto de passar meu tempo ali onde corre o rio, embaixo do pomar. É um igarapé só meu. Uma alegria só! Nele eu me refresco quando está mais quente ou brinco, sozinha, de sereia. Moro no fundo do mar e tenho superpoderes para ajudar os animais contra caçadores que correm pra lá e pra cá. E sou capaz de fazer as coisas levitarem com a força do meu pensamento. Por isso, chovem pedras sobre os inimigos.

Sou tão rápida como a Mulher Maravilha. Salto da árvore com a ajuda de um cipó e corro sobre o tronco que é como ponte no riacho. Os macacos saimiri sempre me acompanham.

Quem também anda por aqui é o Curupira. Já escutei o assobio dele. Apesar do seu jeito assustador, com cabelos de fogo e os pés virados pra trás, eu não tenho medo dele, não. Ele é meu companheiro de luta. Ele protege a floresta, eu protejo o meu quintal, e a Virgem de Nazaré protege todos nós.



DAVI, 12 ANOS

DAVI, O PESCADOR

Ajuruteua, Pará

Onde nasci tem tanto mar, que a gente até esquece das florestas ao redor. Desde que me conheço por gente, já dormia encaixadinho embaixo da proa da canoa, junto com minhas irmãs.

Minha vila se chama Ajuruteua. Tem esse nome por conta dos tantos pés de ajurus docinhos que existem por aqui. Quase todo dia tem jogo de bola e pescaria. E quase toda noite, fogueira e carimbó.

Todo mundo aqui vive de pescar. É tanto peixe no mar que daria pra completar mais de uma vez o alfabeto inteiro com os nomes deles. Os mais famosos são: bagre, pratiqueira, bandeirado, curuca, peixe-pedra, tibiro, uritinga, pacamão e uricica. Meus favoritos são a tainha e a pescada – principalmente misturadas com açaí.



Em quase todas as casas tem sempre alguma rede de pesca pendurada nos varais. Existem muitos tipos de rede. A mais comum é a tarrafa, que é um círculo bem grande, com pesos de chumbo amarrados em volta. Tem o espinhel, com muitos anzóis, e também a "rede pro curral", que é uma armadilha montada em estacas de madeira, onde os peixes entram e não conseguem sair.

Aqui ninguém passa fome. Existe uma festa tradicional bem bonita, que chamamos de Quial. No Quial, quem pescou muito oferece os peixes de graça pra quem pescou pouco ou pra quem não conseguiu pescar. No Quial somos todos uma coisa só.

Aprendi muitos segredos do mar com o meu pai, Ageu, e com outros pescadores. Também aprendi muito com o próprio mar.

Uma vez meu pai saiu, num barquinho, para uma viagem de pesca em alto-mar com os amigos, que durou três semanas.

Pescava o dia todo e dormia no barco. Eu quase adoeci de saudade e preocupação. Ele voltou da viagem barbudo, com o barco cheio de peixes. Depois daquela vez, ele me prometeu que nunca mais ficaria fora tanto tempo. Hoje ele só pesca nos arrecifes, perto de casa; e, sempre que dá, eu vou junto.

Depois da pesca, quando termina o trabalho, no final do dia, a gente gosta de dançar o carimbó, com muito tambor, flauta, pandeiro e reco-reco.

As moças enfeitam os cabelos com flores e vestem saias rodadas coloridas. Os moços convidam pra dançar batendo palmas diante delas. Todo mundo descalço e bem animado.

Volto pra casa cansado, só pensando em repor as energias com um bom prato de tainha.

RENATA, 9 ANOS

Vovó Barro

Terra Indígena Raposa Serra do Sol, Roraima

O Sol e a Lua estavam apaixonados, mas viviam tristes, porque nunca podiam se ver. Era um caso de amor sem solução.

Foi então que a Mãe Natureza decidiu juntar os dois, dando de presente um eclipse. E assim nasceu Makunaima, filho do Sol e da Lua, que ali cresceu até virar um guerreiro, guardião da Árvore da Vida. Ela dava todo tipo de fruta, que só ele podia colher pra distribuir.

Mas nem tudo era perfeito. Com o tempo, algumas pessoas, dominadas pela ambição, subiram na árvore, derrubaram as frutas e levaram várias mudas para fazer nascer outras Árvores da Vida.

Makunaima ficou furioso e cortou o tronco no meio. Sua copa caiu e formou-se uma imensa floresta em volta. O tronco continua no mesmo lugar, existe até hoje e se chama Monte Roraima.

Assim nasceu meu povo, os Macuxis.

A avó dos Macuxis se chama Vovó Barro, *Ko Ko Non*, na nossa língua. Ela é a dona da terra e de tudo que nasce dela. Por isso, sempre pedimos sua ajuda e proteção.

Minha mãe já conversou com ela. Foi no ano passado, quando fomos junto com a tia Lilibeth e suas comadres até o pé da serra buscar argila pra fazer nossas panelas.

Eu e minha irmã Ana éramos as únicas crianças. Acho que eu nunca mais vou esquecer daquele dia. Foi uma aventura e tanto... a começar pelos preparativos. Com um pedaço de tala de coqueiro, foram passando nos olhos um pó de pimenta-malagueta benzida pelo pajé. Todas começaram a tossir e ninguém conseguiu abrir os olhos por uns cinco minutos. Até me assustei. Mas passou. Parece que as lágrimas servem pra limpar tudo, fazer enxergar melhor e tirar a preguiça. Ficaram mesmo bem animadas!



Depois, teve o urucum. Minha irmã passou em mim e eu, nela. A gente se divertia, passava nos braços, nas pernas, no rosto.

E então todas nós rezamos pra Vovó Barro nos proteger do Sol, e também dos espíritos malignos da mata.

Ainda era manhãzinha. A mãe explicou algumas regras antes de iniciar a caminhada: se tivesse alguém triste, era melhor nem ir, pra Vovó Barro não ficar zangada. Ninguém podia passar fome; por isso, todas tomamos mingau de farinha de mandioca. E era pra Ana e eu ficarmos bem quietinhas quando a gente chegasse lá.

Foi uma caminhada e tanto! Subimos e descemos a montanha, por caminhos cheios de pedra. Achamos uma sombra e paramos pra lanchar uns cajus vermelhinhos com paçoca de carne, que é uma comida que eu adoro – posso ficar um tempão comendo paçoca de carne.

De repente, a tia Lilibeth gritou: "Olha só: o cocô da Vovozinha!".

Eram várias bolinhas de cor avermelhada bem firmes. Pareciam até umas pedrinhas.

Então chegamos no barranco, perto do buraco, onde começamos a revirar a terra devagar, com as picaretas que a gente levou. Bem devagar, sem fazer barulho; todas em silêncio.

Era hora de falar com a Vovó. Se alguém não fala direito com ela, se alguém não pede licença, a pessoa adoece, tem febre...

A mãe tirou o peixe assado de uma trouxinha de pano e colocou na beira do barranco. "Vovó, eu trouxe este peixe pra você comer com este punhadinho de tabaco". A mãe levou também um muriú, que é um pedacinho de pano bem fino e colorido, e ofereceu pra ela.

Acho que a Vovó Barro gostou da gente. Todas voltaram pra casa com um saco bem cheio e pesado de barro vermelho.

Panela em casa é que não vai faltar.



SAMUEL, 11 ANOS

CASA FLUTUANTE

Manaus, Amazonas



Manaus é uma cidade grande, mas de vez em quando ela se lembra que é floresta.

Ninguém acreditou quando outro dia apareceu um jacaré na porta da minha escola. Um jacaré! E dos grandes. Foi a maior confusão. Ficou todo mundo fazendo festa e *selfie*. A Oleana mandou até beijinho. Mas só até a hora em que o jacaré abriu a boca enorme pra bocejar.

Acho que ele estava de bubuia, mas ficou todo mundo assustado e saiu gente correndo pra todo lado. Precisou de um monte de bombeiros pra resgatar o bicho e levar de volta pro igarapé.

Adoro minha escola. Principalmente a biblioteca. Lá tem livros que eu amo. Um deles é de fotos da floresta. Fico besta com aquele tanto de verde e de rios bonitos. As fotos me fazem sonhar. Nem parece que é aqui, neste labirinto de gente, onde o igarapé não é igarapé, é esgoto.

Também gosto muito de ler sobre as lendas da floresta. Minha favorita é a do uirapuru. Conta a história de um guerreiro que tocava flauta lindamente. Tão lindamente que quem escutava sua música se apaixonava. Todas as cunhatãs queriam ser sua esposa, mas ele só tinha olhos pra filha do cacique. O problema é que ela já estava prometida em casamento pra outro. O flautista não se importava e continuava encantando a moça, que acabou fugindo para viver aquele amor.

O cacique ficou furioso e resolveu flechar o moço. No instante em que lançou a flecha, o guerreiro se transformou em um pássaro e voou.

Esse pássaro se chama uirapuru, e tem o canto mais lindo da floresta. Quando ele canta, todos os outros bichos e toda a gente fazem silêncio pra ouvir.

Outro livro que adoro é sobre um garoto que não tinha amigos. Até o dia em que veio uma tempestade e ele abraçou forte o travesseiro. De repente, o travesseiro começou a conversar com ele... e conversaram até a chuva passar. Depois desse dia, toda noite, antes de dormir, eles batiam um papo. Quando menos esperavam, caíam no sono e sonhavam juntos. Viraram os melhores amigos.

O dia mais triste da minha vida foi quando eu vi a chuva levar nossa casa. Eu voltava da escola e o chão já estava mole. Quando cheguei, vi a casa toda inclinada, no meio de um toró. Então veio a correnteza, bateu no esteio e quebrou tudo. Primeiro a cozinha foi embora; depois a casa toda saiu flutuando.

Meu pai ainda conseguiu, com meus tios, tirar umas coisas. Mas minha cama e meu videogame se foram pra sempre.

No começo, senti raiva de tudo. Fiquei sem falar com as pessoas por muitos dias. Só voltei a ficar feliz quando meu pai conseguiu construir uma casa nova.

Ele sempre me diz que a vida vai melhorar.

A casa é legal, e tenho um quartinho só pra mim. Mas ela também fica na encosta, como a outra. Então, eu sempre sinto medo, que nem os cachorros, quando escuto trovoada. Nessas horas, eu abraço meu travesseiro e fico imaginando o canto do uirapuru.












Peremi







AS CRIANÇAS

Ana Luísa dos Santos Nunes, Ariwalu Kamayurá, Davi Mescouto Melo, Elivaldo Cavalcante Ribeiro,
Franciele Silva Pereira, Homero de Moura Gonçalves, Keicy Graziele Costa Gomes,
Maria Vitória Correia Dias, Marcos Gustavo Sales Dias, Maykawá Juruna,
Pedro Henrique Nascimento Teles, Raoni Kamayurá, Rayene dos Santos, Renata Raposo e Samuel Dias

AGRADECIMENTOS

Acauã Kamayurá, Ageu Mescouto Melo, Bel Juruna, Cátedra Sustentabilidade e Visões de
Futuro (Unifesp), Cleison dos Santos Gomes, Cleucimar da Silva Raposo,
Daiana Santos de Vitro, Dida Kohoi Kalapalo, Diogo Barbosa, Eládio Gomes Canto,
Eliza Toledano, Enoque Makuxi, Erivaldo Cavalcante, Ernilza Cavalcante Ribeiro,
Francisco das Chagas Marques Pereira, Gerson Tadeu Teles e Teles, Gilbson dos Santos Campos,
Gustavo P. Dias, Ildo Aquelino Batista, Instituto Physis – Cultura e Ambiente,
Iracema dos Santos Nascimento, Ivete Gomes de Andrade, Jaime Ohna, Karina Kamayurá,
Lucia Cortez, Hortencia Correa Dias, Leandro da Monotur,
Leiliane Jacinto Pereira, Luis Toledano, Magno da Silva Dias,
Maria Clara Toledano, Maria Eduarda Nascimento Teles, Marcelo Salazar,
Nélio Palheta de Vigia, Paloma Kamayurá, Parmênio Cito, Railene dos Santos,
Raimunda Nonato de Melo, Ruy Tone, Tassiane Costa Garcia,
Thayse Luma Santos e Wanderley dos Santos Garcia

AGRADECIMENTO ESPECIAL À EQUIPE DO BANCO C6:
Alex Brito, Alexandra Paim, Marcos Massukado e Marina Mancini





O livro ***Amazônia das Crianças*** é fruto de várias viagens pelo Norte do Brasil. Revela o cotidiano e os sonhos de 15 crianças, pelas lentes de Araquém Alcântara, ilustrações de Angelo Abu e texto de Morris Kashani. Temos aqui histórias que enaltecem o respeito e o convívio harmônico entre o homem e a natureza. Do Xingu ao Oiapoque, de Xapuri a Afuá, de Ajuruteua e Abaetetuba, realidades múltiplas de uma meninada que sabe a importância de manter a floresta em pé. Só assim, elas – e o planeta – terão o futuro garantido.

C6BANK

TERRABRASIL

ISBN: 978-65-88933-04-6